

## “A matriz, o útero [de] onde surge o humano”

Notas da Assembleia com a comunidade de CL em São Paulo com Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional do Movimento. O encontro foi realizado no domingo, dia 24 de outubro de 2021, presencialmente e por videoconferência.

O tema foi o cap. 6 do livro *Há esperança?*, de Julián Carrón

**Olavo:** Primeiro: a gente começa hoje, depois de quase dois anos, uma modalidade presencial, e o fato de estarmos aqui hoje depois de dois anos, passando pelo que a gente passou, não é óbvio. Então, que a gente comece essa Assembleia com o coração diante daquilo que aconteceu na vida da gente, diante das coisas que aconteceram nesses últimos tempos. Penso no Kim, no milagre que aconteceu com ele, em todo o percurso que a gente fez à distância, depois aos poucos como a gente foi se encontrando. Não sei como é que vocês vieram para cá hoje, eu fiquei pensando um pouco no trajeto para cá, com essa chuva... Por que a gente está aqui num domingo à tarde cinzento? O que a gente carrega no coração? Que pedido, que desejo? Que necessidade a gente tem?

**Colocação:** Desde o final de agosto minha mãe teve uma questão de saúde, um derrame do pericárdio. Ela precisou ser internada, fez um procedimento de urgência para puncionar essa água do coração. E aí a gente precisou entender o que tinha causado aquilo e começamos a investigar. Ela fez uma série de procedimentos e um primeiro diagnóstico é de um câncer no pulmão, um adenocarcinoma. E é um câncer que não tem cura. Ela vai iniciar esse tratamento para controle, e a gente ainda vai entender qual vai ser o melhor tratamento para ela. Enquanto isso, ela está esperando em casa. Mas eu queria compartilhar com vocês. A tristeza, como a alegria, é um sentimento. Mas o amor é outra coisa. O amor é ele próprio, a presença de Deus nas coisas. E a minha mãe transborda amor. Esses dias com ela no hospital, eu via que não tinha pessoa que entrasse por aquela porta e não ganhasse um sorriso, um agradecimento. Estou muito impressionada, porque é uma pessoa num momento frágil, doente, e que você olha para ela e ela comunica vida. Porque o amor é outra coisa: é a presença d’Ele. Então, que a tristeza não vença, não prevaleça sobre esses dias. Que prevaleça o amor. Porque esse sim é real e definitivo. Outra questão que me chama a atenção nestes tempos é que eu estou muito impactada com a possibilidade da morte da minha mãe, porque não fomos feitos para morrer. Só que nós não temos conhecimento total do Mistério. Ainda não O vimos face a face. Então, a nossa permanência aqui parece determinar a vida, como se ela encerrasse com nossa morte. É uma dor, porque parece que finda neste plano. Mas não fomos feitos para isso: fomos feitos para o infinito. Esses dias eu ouvi palavras de Dom Giussani, do livro *A Verdade nasce da carne*, que diziam que: se a morte é a medida da vida, ainda não descobrimos o que é viver. Todos nós, no entanto, já nascemos com o dom da vida eterna. Por isso eu quero aprofundar neste caminho. Eu quero aprender a amar o destino das pessoas, o destino da minha mãe, o meu próprio destino.

Eu tenho também refletido sobre o milagre. E sempre que penso sobre isso me vêm à memória palavras da minha amiga Paula, do Chile, que um dia, em um momento dramático da minha vida, me disse que quando a gente pede e se abre para a hipótese do milagre, ele começa a acontecer no mesmo instante. De fato, tenho recebido uma série de testemunhos de amigos e familiares que, olhando para esta circunstância, a forma como estamos vivendo estes dias, e o olhar de minha mãe, têm visto nascer um novo olhar diante da própria vida. Eu mesma, estranhamente, nos últimos dias de cansaço e sofrimento, estou tendo um gosto mais especial pela vida. É verdade que eu preciso me arrastar às vezes; ainda assim me acompanha esse desejo de entender mais sobre a vida, e viver isso na minha carne. E assim eu penso: nenhuma lágrima minha foi em vão; vejo que brota na vida dos outros, e na minha vida, a partir desse sofrimento. Portanto, que ele seja para a redenção do mundo. Ainda sobre o tema do milagre, durante a peregrinação a Aparecida eu perguntei ao padre Julián como eu deveria fazer uma promessa e pedir um milagre. Entre muitas coisas que ele disse, me marcou esta: “Mais importante do que pedir a cura é pedir para viver esses dias com letícia

(*laetitia*)”. Num primeiro momento me chocou, porque eu quero que tudo volte ao que era, e que saia de nossos ombros esta possibilidade iminente. Depois, no entanto, eu entendi que a possibilidade da morte é, na verdade, uma certeza. Mas a grande questão é como eu vivo cada dia que me é dado, inclusive dentro da circunstância da doença. No começo da peregrinação, Julián nos falou: “que tenhamos a graça de lembrar que somos feitos a cada instante. Essa é a letícia, essa é a vitória do amor sobre a tristeza, o medo e a incerteza. Essa é a salvação, o cêntuplo, aqui e agora”. Na sexta-feira, depois de 17 dias internada, a minha mãe teve alta. Assim que chegamos em casa, ela tomou um banho e depois eu sequei o cabelo dela. Enquanto eu fazia isso, eu pensava: “que precioso que é este instante!” Foram dias de dor e de beleza, reflexão e descobertas; tudo para um bem, tudo para aumentar a minha esperança e me ajudar a crescer na certeza do Mistério. Eu preciso dos meus amigos para me dar conta dessas coisas, e também para me lembrar sempre do que eu estou vivendo nesse tempo, porque a coisa mais triste seria eu perder tudo isso que eu ganhei nestes dias. Da vida da minha mãe, cuida Deus: disso eu tenho certeza.

Eu queria aproveitar e agradecer ao padre Cássio, porque ele foi num dia à noite, oito e meia da noite, chuvoso, dar a unção dos enfermos para minha mãe, que no dia seguinte faria uma cirurgia no tórax, às 7 horas da manhã. Então eu queria dizer que eu me sinto imensamente amada. E duas coisas que eu ouço sempre: “o amor de Cristo nos uniu” – agora eu vivo na carne isso, porque eu estou sendo carregada; e: “estarei com você até o fim dos tempos”. Isso eu tenho certeza também, essa promessa Ele cumpre.

**Bracco:** Em primeiro lugar, boa tarde! Enquanto você falava eu fiquei um pouco arrepiado, pensando que estamos aqui agora, depois de quase uma guerra. E como é verdade que não é óbvio, e como é fácil que as coisas possam ser óbvias. Depois de dois anos, podemos ter a consciência um pouco fraca daquilo que passamos e daquilo que estamos fazendo aqui agora; o fato de estar aqui, agora. E não é óbvio mesmo. Mas enquanto você estava falando, eu lembrei um pouco de uma experiência que eu passei com meu pai. Meu pai passou muito mal, teve um infarto e depois uma operação de 12 horas, quase, de coração aberto. Ele estava se recuperando, aí teve uma sepse geral. Então ele ficou na UTI um mês, praticamente. Na UTI, você sabe, tinha o horário da manhã, de 8h até as 9h, depois só no dia seguinte. Primeiro, não lembro de um instante de fadiga por ir lá para encontrar o meu pai. Era sempre como ir lá para encontrar a pessoa amada. É incrível, acho que é como uma mãe com a criança quando ela acorda. Nem pensa que está com fadiga, é tudo amor, tudo amor. Eu me lembro que, sendo que tinha que esperar o dia seguinte, a todo momento poderia chegar uma ligação, porque era naquele momento de perigo máximo, que não se sabia o que ia acontecer. Mas precisava viver, não dava para ficar em casa assim. Então, à noite eu ia encontrar algumas pessoas. Eu lembro que à noite, quando eu passava na frente do hospital onde estava meu pai, eu tinha que ir para casa e ele estava lá. Não tem coisa que aperte mais o coração. Parte o coração ver a dor de quem você ama. Bom, depois aconteceu um milagre, porque de repente começou a melhorar, aos pouquinhos, e agora está bem. Pensei nisso porque nós temos que identificar as experiências que nos marcaram. O que me ajudou a viver? O que eu experimentei, vivendo esse drama? E para mim, aquilo que ficou meu, que se tornou uma experiência minha, foi uma coisa que eu ouvi o Carrón falar, quando falou da morte do pai dele; que, vendo o pai dele lá, ele começou a pensar em André, em Pedro, em João: como é que eles teriam vivido aquele momento. Ou como é que eles teriam vivido um momento da doença, como eu vivi. Isso me ajudou a viver e percebi isso porque comecei a pensar, comecei a ter uma referência que eu não tinha antes. Isso entrou aos poucos dentro de mim, na minha cabeça, na minha memória. Comecei a verificar. Carrón falava: João, André, Pedro e os outros Apóstolos tiveram que viver a vida de todo mundo: alguém morreu, eles morreram, os filhos ficaram doentes, os pais, eles também. Mas o que eles tinham na cabeça, quando acontecia uma coisa dessa? Eles não podiam tirar de si todos os fatos, todos os momentos que criaram dentro deles essa Presença de Jesus. Então, a primeira coisa é que cada momento desses para nós é uma verificação e é também uma ajuda para que aquilo que está solto, de Jesus, comece a se tornar carne. É como se você pegasse os pedaços soltos e isso fosse a

experiência primordial para que se junte dentro de você, numa carne. Uma carne, algo concreto. Não um discurso, ou uma coisa solta que até agora podia se sustentar. Mas chega um momento em que não dá: ou é uma história, ou é uma carne. E você verifica nesses momentos. Então, pensando nisso, eu comecei a ver que isso começava a me dar paz. Eu comecei a pensar e me confortar e ver que Jesus era uma carne, para mim. Era alguém em quem eu podia, pelo menos, encostar a cabeça. Não me explicava tudo. Não me falava: “Olha, vou te mostrar aí o Paraíso: teu pai, você, todos vão ficar lá nessa glória”. Jesus não mostra isso para nós. Mas dá uma presença para eu encostar a cabeça. É alguém que me fala “não tenha medo”. Quando os Apóstolos estavam em crise, ele não explicava tudo, como ia acontecer o fim dos tempos, para eles ficarem tranquilos; para mostrar que a sua mãe vai para o Paraíso... Não faz isso, mas Ele falava: “não tenha medo”. Parece uma coisa irracional, mas falar “não tenha medo” é como falar “Eu estou aqui. Comigo você vai ver que não vai acabar. Comigo você vai ver que vai viver. Comigo você vai ver que essa dor não vai ser nada. Comigo você não vai perder”. Isso se tornou carne para mim. Não estou falando que estou certo mil por cento. Tenho outros medos, tenho fraquezas, mas nós podemos fazer essa experiência de que o medo não nos domina mais. Às vezes há pessoas que dizem: “ah, ser cristão, é certeza da ressurreição, então fica tranquilo”. Não. Eu acredito em algo mais humano: que temos medo, que temos fragilidade etc., e não tem coisa mais grandiosa do que perceber alguém que me fala “não tenha medo”. Eu continuo tendo medo, mas o medo não me domina mais quando eu faço experiência dessa companhia. E aquilo que você falou, fala um pouco disso. É uma experiência disso, de não sermos super-homens, que não vamos mais sentir nada, porque temos certeza absoluta da ressurreição de Cristo; não, mas que é possível viver o medo junto com uma Presença. Certa vez eu tinha falado para Dom Giussani uma coisa, que era uma pequena morte, que era o medo de deixar todos os meus amigos da faculdade, pois eu ia começar a trabalhar. Eu tinha feito uma pergunta pra ele num encontro do primeiro ano do meu Grupo Adulto. Falei: “eu tenho medo de perder os meus amigos”. Imagina, a experiência do CLU, da faculdade, para mim era o máximo daquilo que podia acontecer na vida. Primeiro ele me falou: “Olha, esse aqui é o sinal de que você está vivendo a companhia como utopia” – primeira quebrada total. Mas depois me falou assim: “Mas quando você sente o medo, o vento quente”... É aquele vento que chega da África, em italiano se chama *Scirocco*. Mas é um vento terrível, que parece que destrói tudo. Ele falou: “Quando chega esse vento nas suas planícies cheias de verdura, de frutos, você lembra que teve alguém que falou: ‘não tenha medo’”. Ele falou exatamente isso que eu falei. Então eu nunca posso esquecer disso. A gente tem que ter uma presença; lembrar, ter vínculos, e ter referência a uma presença. E quando você pensa em não ter medo, isso está ligado a uma experiência concreta de alguém. E isso faz você entrar na circunstância, faz viver a circunstância de outra forma. A gente sabe quando está dominado pelo medo, qualquer medo que seja, e quando pode não censurar o medo e viver.

**Olavo:** Só uma coisa, a partir disso que o Bracco está falando. Eu fiquei pensando aqui, enquanto ela falava: como é que a gente pode viver assim? Ela disse: “tenho visto nascer um novo olhar diante da própria vida”. Para mim fica muito evidente, vem uma gratidão por esse lugar al qual a gente pertence, porque é alguma coisa que gera a gente, que torna a gente mais do que a gente. Quando você fala da sua mãe, me lembro da minha mãe. Fiz a mesma experiência que você está fazendo. Então, como é que a gente pode dizer: “tenho visto nascer um novo olhar diante da própria vida”? A gente identifica uma positividade nas coisas, aspectos de positividade. “Eu mesma, estranhamente, nos últimos dias de cansaço e sofrimento, estou tendo um gosto mais especial pela vida”. Como assim? A gente tem um gosto mais especial pela vida diante de uma situação dramática como essa! Que lugar é esse? Estou dizendo: a gente se dá conta desse lugar a que a gente pertence, que a gente é gerado nessa potência? É uma potência. “É verdade que preciso me arrastar às vezes”. Somos humanos! “Ainda assim me acompanha um desejo de entender mais sobre a vida e viver isso na minha carne”. “E assim penso: nenhuma lágrima minha foi em vão”. E aí, para mim, esse ponto eu achei muito impressionante: “vejo que brota na minha vida e na dos outros”... uma vida. “Mesmo a partir desse sofrimento”. Então, aspectos de positividade. Onde que

a gente pode experimentar uma coisa como essa? A gente se dá conta? Viver a *laetitia*. Onde é possível viver uma *laetitia* numa situação como essa? “Que a gente é feita a cada instante”. Para mim fica muito evidente: eu preciso desse lugar. Eu preciso desse lugar que me gera, me faz... É um espaço de liberdade onde eu posso estar inteiro, abraçando aquilo que está acontecendo. A gente vê essa positividade. Essa positividade nessa circunstância: “Não tenha medo”. Como alguém pode falar “não tenha medo”? Só se faz essa experiência, só se pertence a um lugar assim, que tem uma presença que responde. Responde dentro de uma fragilidade, de uma dramaticidade, de uma incoerência, às vezes.

**Colocação:** A primeira coisa que pensei quando o Bracco comentou que não é óbvio que a gente se encontre depois de dois anos, e eu pensei na razão pela qual eu estou aqui em casa nesse momento, que é o nascimento da minha filha. E ficou muito claro, num instante, que essa criança é um acontecimento igual a Covid – obviamente não no sentido de conteúdo –, mas de fato carrega alguma coisa, carrega um significado. Isso era só para reagir a essa situação, que me faz pensar que a gente perde muitos acontecimentos durante o dia. Quero dar um pequeno testemunho de como a Escola de Comunidade me ajudou a viver mais como um acontecimento o cotidiano. Estava fuçando uma nova música para estudar piano, e fiquei encantado diante da música *Metamorphosis*, de um compositor chamado Philip Glass. É uma música minimal, quase hipnótica, com lindas mudanças de intensidade e velocidade. Aparentemente previsível, mas nunca óbvia. Depois, diria meu professor, vamos avaliar para esta descrição. E comecei a ouvi-la compulsivamente, para entrar em uma familiaridade. Mais a ouvia e mais algo vinha à tona, que me dava um pouco de ânsia. Tinha uma nota grave, fascinante, se repetindo, que me dava a impressão de uma grande tristeza. E alguns virtuosismos como tentativas de escapar dessa tristeza que parecia engolir tudo; como se uma pessoa estivesse envolvida em um plástico bolha transparente, podendo ver e se relacionar com tudo, mas sem conseguir nunca ter um contato verdadeiro com as coisas. E sempre tentando com as próprias forças, furar essa capa, sem êxito, como sendo aniquilado por aquela nota grave que impõe o tom de toda a melodia. Dava agonia, mas não conseguia parar de ouvi-la. Enquanto estava ouvindo, apareceu na cozinha a nossa filha de 6 anos, e não resisti em perguntar para ela que imagens despertavam nela esta música. E ela respondeu, sem pensar num instante, como acontece muitas vezes: “Escuridão e solidão”. A música estava nos fazendo dialogar num nível mais profundo da nossa experiência. Era um diálogo com minha filha no nível elementar dos nossos corações. Esse compositor, Philip Glass, colocou em música o livro *A Metamorfose* de Kafka, escritor conhecido pela frase “Existe uma meta mas não há um caminho”. O que mais do que isso pode lembrar escuridão e solidão? Surpreendido, decidi continuar esse diálogo com ela, e subitamente pensei no Prelúdio número 15 de Chopin, que Giussani tanto nos fez apreciar. Deixo a música rolar um pouco enquanto cozinho, e quando ela aparece novamente, repito a pergunta. Ela me responde um pouco mais entediada, como alguém que sabe ser uma cobaia. Responde: “Aqui, papai, tem uma tristeza boa”. O Prelúdio número 15 é conhecido como “A gota” de Chopin, porque a melodia inteira é acompanhada por uma nota que bate insistentemente. Giussani nos educou a reconhecer nessa nota o nosso desejo infinito de felicidade, que atravessa qualquer circunstância. E só uma tristeza, porque nunca satisfeito, pode chegar a interceptar o mistério de Deus feito carne. Que tristeza boa! Trabalhando o parágrafo “Sustentar a esperança das pessoas”, do Capítulo 6 de *Há esperança*, foi impossível não me perguntar seriamente: “Existe verdadeiramente uma tristeza boa?” E como minha filha identificou essa experiência? Onde ela viu uma tristeza boa? Nunca falamos para ela essas duas palavras juntas. A tristeza pode ser boa só diante de uma presença que abraça. Mora de verdade na nossa casa o olhar de uma presença que nos une, porque abraça as nossas feridas? A resposta que a Escola de Comunidade nos ajudou a enxergar é que minha filha viu isso na normalidade da nossa vida. Respirou isso, absorveu isso, como por osmose, na convivência familiar. Então, com a minha esposa nos surpreendemos a repetir com confiança e desejo as palavras de gratidão daquela moça do testemunho, que aparece naquele capítulo, que fala: “com a minha vida tão desastrada posso contribuir, no mínimo que seja, para comunicá-lo de

verdade. Ver que dentro de todos os meus problemas e minhas infidelidades, minhas misérias e minha total incapacidade, ele está presente e atua, sem que eu faça nada além de procurá-lo em cada coisa e invocá-lo toda vez que posso, fez como que eu entendesse que há um bem mais precioso que qualquer outro bem”. E ele está me doando esse bem através do Movimento. É a certeza de que o Senhor está me transformando de verdade.

**Bracco:** Obrigado! Isso me fez lembrar um trecho que quero falar para vocês, porque me perturbou, mas de uma forma boa. A um certo ponto no Dia de Início, na parte do trecho que a gente ouviu de Dom Giussani, primeiro tem toda a parte que fala “o que é esse eu, do qual eu me dou conta?”. Porque não existe vida antes de me dar conta dessa coisa que começa a vibrar dentro de mim. Mas a um certo ponto, Dom Giussani fala assim: “Este é o abismo que a idade escavou na minha alma – porém era uma coisa que se escavava desde o colegial, porque eu sentia estas coisas desde o meu colegial –... Esta é a força da liberdade e esta é a força da criatividade, e esta é a força do amor, é a força da afeição! Entendem? Isto é o humano, esta é a gênese: a matriz, o útero [de] onde surge o humano...”. Por que me marcou demais? Porque é outra coisa que às vezes a gente considera óbvia. Mas ele fala assim: “a idade escavou”, “o tempo escavou”. As Escolas de Comunidade que fizemos, as Fraternidades, os dias que passamos aqui dentro, não parece, mas escavam, estão escavando. Estão escavando o quê? O espaço desse útero que não tem mais gênero. Todo mundo vai ter esse útero novo, essa coisa absurda de onde nascem as coisas, de onde eu nasço. De onde nasce a consciência da realidade, a consciência da sua filha, de perceber a sua filha, de ver a sua mãe. Eu não podia pensar em viver uma coisa assim. A gente não podia pensar em pensar coisas como a gente pensa. Se não tivesse sido criado esse útero dentro de nós, que é a gênese de uma coisa nova, de uma vida nova. Mas isso é uma coisa de outro mundo, que acontece quando eu me dou conta de quem gerou isso dentro de mim. Porque quando eu me dou conta que isso é gerado dentro de mim, ninguém tira. Não tem câncer que possa tirar isso, essa coisa dessa gênese nova, de onde nascem as coisas. E isso, como acontece? Com o tempo; aquele tempo de gestos infinitesimais que para nós, muitas vezes, são nada. São quase nada. Isso, com o tempo, escava. Escava, cria o espaço. Cria espaço e cria essa coisa dentro de nós. É o espaço onde acontece uma faísca. Acontece como no útero. Por isso é genial essa palavra. Porque no útero acontece, não é o útero que faz gerar a vida nova, mas aquele é o espaço onde acontece a faísca da vida. E nós temos dentro, pelo fato de dizer “sim”, pelo fato de fazer um caminho. Por isso é fundamental quem faz um caminho e quem não faz. Porque sem fazer um caminho, não se cria esse espaço. É impossível você, um dia, querer essa coisa dentro e se auto construir. Não dá. É de um sim, é de uma fidelidade, é de um tempo, é de um ir, é de um voltar. É quando João e André acordavam de manhã, iam fazer o quê? Iam lá e voltavam; um dia era um milagre, outro dia era uma pancada. Não era tudo tranquilo, como é o nosso caminho. Mas a coisa bonita do caminho é você começar a experimentar que isso está se gerando dentro de você, essa coisa absurda onde se gera a afetividade, a força da liberdade, a força da criatividade, que eu não saberia me dar. Eu não poderia me dar. Por isso que você fica agarrado a esse caminho. Por isso que você não quer largar nunca mais; por isso que você dá tudo, a um certo ponto. Porque, sem isso, eu não sinto mais a vida nascer em mim. Sem sentir a vida nascer em você, você não consegue viver. As coisas não lhe bastam. Por isso que essa é uma coisa de outro mundo. E quando você experimenta isso, não tem coisas que ameaçam. Podemos estar preocupados agora com a mudança da família, ou podemos estar preocupados pelo Movimento, com o Dicastério... Mas essa coisa que o Movimento gerou em mim, ninguém vai tirar de mim. Podem me colocar numa cadeia, mas ninguém vai tirar isso de mim. Será uma modalidade nova, será algo que temos que aprender, será algo que temos que mudar. Mas isso que Cristo faz e fez, ninguém vai poder tirar. Essa é a certeza, no fundo, no fundo, de alguém que me fala “não tenha medo”. Como é que posso acreditar em alguém que me fala “não tenha medo”, quando eu tenho medo? Esse “Não tenha medo” está ligado à experiência de alguém que criou isso dentro de mim. Por isso eu posso acreditar. Por isso eu confio, por isso eu acredito. Então essa coisa do Dia de Início, olha, não tem comparação, para nos ajudar a tomar consciência daquilo que me aconteceu e nos acontece.

Falei isso porque ele falou “por osmose”. A sua filha, os seus filhos, respiram desse milagre que acontece. Porque quando você vive isso, isso não pode não transbordar em quem vive perto de você. Tanto que um dia vai desejar viver. Por atração vai desejar viver também, se Deus quiser.

**Colocação:** Estou contente de estar aqui com vocês. Eu morei 31 anos numa casa dos *Memores Domini*, e agora eu voltei a ficar com a minha mãe para cuidar dela. Então para mim foi uma mudança muito grande. E quando o Carrón falava no Dia de Início sobre a pergunta do Taylor, “por que muitos colegas foram embora e eu não?”, quando ele falou eu pensei muito na hora, assim de imediato: “Ah, porque é a liberdade de cada um”. E depois eu vi que, quando ele foi desenvolvendo o tema, ele falava dessa gratidão. Então queria entender um pouco mais, porque às vezes para mim prevalecia mais a questão de uma decisão pessoal, de uma liberdade, e eu falava: “não, mas eu quero viver mais essa gratidão, mais esse reconhecimento do que me aconteceu”. E depois eu pensei também na Escola de Comunidade, quando Giussani fala do seguir: como para mim foi imprescindível, vivendo agora nesse período, poder seguir alguém. E eu falava: “que graça que eu tenho, que eu posso seguir alguém. Que eu posso chegar na casa e eu tenho a quem seguir; chegar no Movimento e eu tenho a quem seguir”. Porém, no capítulo 6 quando fala da experiência do mal, e eu não consigo não dizer que não faço essa experiência do mal; essa presunção, do desespero muitas vezes. E o que tem me ajudado muito, primeiro é a companhia, mas também ficar pedindo mais a Cristo. E estou me dando conta, nesse período, que eu estou me identificando mais com o Evangelho. Então tem horas em que eu fico muito nervosa, que eu falo: “Mas Senhor, não te importas que eu estou aqui fazendo todas as coisas sozinha?”. Não que minha irmã não me ajude, mas às vezes em me sinto muito sobrecarregada, porque tenho de cuidar da mãe, da casa, das compras, e eu quero fazer o silêncio, eu quero ir à missa, eu quero fazer um monte de coisas e às vezes não dá. Então agora eu me conheço mais Marta, eu sei mais como ela se sente, porque eu falo “Manda alguém para me ajudar”... Ou então, quando nesse período ficamos muito isolados, eu ficava pensando que no fundo a gente deseja uma resposta do outro, deseja ficar mais perto, e às vezes eu me recriminava, porque eu falava: “Não, eu tenho que ser livre, tenho que fazer as coisas com liberdade”. Mas depois eu pensava: “Senhor, me ajuda!”, porque também não posso censurar esse sentimento. Então eu percebi que esse período tem sido um pedido de uma familiaridade maior com essa humanidade que Cristo viveu entre nós e vive ainda. E eu queria entender se é esse o caminho mesmo, porque às vezes eu falo “eu estou muito longe”. Antes eu estava na casa, tudo era de imediato, eu sabia tudo porque eu acompanhava. Agora eu estou bem longe. Então eu fico pensando assim se é esse o caminho mesmo, dessa familiaridade com Ele.

**Bracco:** Obrigado. O que você acha? É esse o caminho mesmo ou não? De onde você pode ver?

**Colocação:** Eu vejo que me dá um respiro, uma paz. E é engraçado que depois desse dia, assim que eu pedi, que eu comecei a falar “você me entende, Jesus”, aconteceu a resposta dessa pessoa de quem eu estava esperando um retorno. Ou então quando Jesus falava “Marta, Marta, não te preocupes com tanta coisa”. Então eu fico pedindo isso, falo: “Senhor, me ajuda a viver o que é mais importante, o que é vital para mim, agora”. Mas às vezes eu sinto falta da companhia, da casa, de confrontar... E às vezes também essa coisa que eu falo, a liberdade, porque às vezes eu penso que estava mais como um esforço “eu não posso perder isso que eu já vivi, eu não quero perder isso, eu não posso viver”. Então, por isso que eu queria entender mais essa questão dessa gratidão e não um esforço.

**Olavo:** Mas tem uma coisa que é a mesma coisa. Não sei se vocês imaginam como é a nossa dinâmica de vida, é uma fadiga constante. Esses dias minha esposa estava brava, muito brava, cansada, e dizia: “Poxa vida, sozinha, tudo sou eu”. Só que no dia seguinte, quando a gente acordou, o que determinou a manhã dela, a primeira coisa que ela fez, foi abrir a janela e ficar diante da imagem que a gente tem do outro lado da rua. Então, quando eu vi aquela história, fiquei

pensando: a vida exige. Exige, a vida é implacável. Pelo menos, para mim e para ela, a gente não acorda de manhã, a gente é ejetado de manhã. Sabe, coisas assim, depois tem que levar uma na escola, ela não quer ir na escola, então é uma luta. Ela grita de manhã, vocês não têm noção a confusão que é lá em casa. Mas tem uma coisa que é igual ao Grupo Adulto: a gente está diante do Mistério. Para a gente, o que determina, o que faz com que a gente levante de manhã e faz com que valha a pena levantar de manhã é estar diante do Mistério. Então nada tira, nada tira. E aqui ele fala em algum momento no texto, que as circunstâncias – eu acho que é no *Há esperança?* – são a possibilidade de a gente ficar diante do Mistério! O drama, o limite das circunstâncias, é a possibilidade de a gente dobrar o joelho e falar “eu preciso”. Porque na casa do Grupo Adulto eu dou conta. Mas por que lá em casa a gente não dá conta? Porque a gente não dá conta mesmo, é muito acima da nossa capacidade. Então a gente é obrigado, as circunstâncias demonstram para a gente que a gente tem que mendigar a presença d’Ele. Mendigar. Somos necessitados da presença d’Ele. Eu preciso. Porque senão, ela me engole. Eu preciso. É uma questão de sobrevivência. Enquanto você falava, eu ficava pensando: Mas essa é a vida! A doença da mãe que ela contou antes, é a vida; é nas circunstâncias que Ele lhe propõe um relacionamento. Não é fora. Não é na casa do Grupo Adulto, ou num momento que a gente tem de férias, eu e minha esposa, só eu e ela. Não é aí. É ali, é ali nas circunstâncias.

**Bracco:** É engraçado, porque às vezes aquilo de que você sente falta é a razão pela qual a gente foge da casa. Ah, sinto falta da casa, da companhia, da memória, do silêncio, mas assim que puder você sai porque você não aguenta uma ou outra, aí se briga, aí é chato... Não é fácil. Não é fácil o que tem na casa de vocês e não é fácil o que tem na casa do Grupo Adulto. É tudo “ah, sinto falta”, mas quando está lá, depois todo mundo, assim que puder, vai embora. Nós sabemos. Então isso que você fala é uma ajuda para a gente entender do que precisamos. O que é a origem de uma casa dos *Memores Domini*, e aquilo que vocês, com uma casa com 5 filhas precisam? De onde vem a paz? Onde está a razão para olhar na cara do outro? De onde vem? Esse útero de onde nasce, o que Cristo faz na minha vida é real ou não? Eu desejo isso ou não? Essa é uma pergunta de hoje. Não é porque foi assim nesses anos; e isso vale para nossas casas, para as casas de vocês com filhos, para o Movimento. É um novo início para todo mundo, para tudo. E o fato de você ter saído é uma ocasião que você tem. Porque aquilo de que você sente falta, todos temos que perguntar: “Mas do que eu sinto falta?”. Da paz de cemitério, que ninguém briga, ou da paz que Cristo dá, que me faz olhar o cara que seria o último que eu queria na minha frente? E com quem Cristo me colocou junto? Por quê? Nesses dias muitos jovens se matam porque não estão encontrando a razão pela qual eu estou junto com outros numa casa. Se tornou dramática a vida, nesses tempos. Essa é uma ocasião que não devemos perder, para ir ao fundo de quem é Cristo. Mas se a gente não entende que Cristo é a razão desse útero de onde nasce uma vida nova em mim, se não percebo...

Outra coisa. Você é Marta e queria ser Maria, certo? Mas aqui Dom Giussani fala: “Sabem por que erramos? Sabem por que estivemos distraídos? Sabem por que esquecemos indignamente? Sabem por que é que traímos cem vezes, mil vezes ontem? Sabem por quê? Deus permitiu isto para que, hoje, você use esse desastre como instrumento para lembrar-se d’Ele... Quantas vezes? Um milhão de vezes? Um milhão de milhão de vezes. Sempre...”. Esse caminho se aprende caminhando. A maturidade acontece fazendo. Mas a gente precisa se lembrar disso nas casas dos *Memores*, com as famílias. A gente se lembra disso todas as vezes que a gente se encontra. Por isso é um caminho o que temos. Porque se não tivesse caminho, eu não poderia ler esse Dia de Início e falar: nossa, mas está falando sério? Ou isso é brincadeira? Nem é um problema se você é Marta, entende? Porque ser Marta, se não fosse Marta, eu não poderia usar esse desastre como instrumento. Porque ser Maria, sempre Maria, é chato também. Sempre certinha... Não, Marta é um desastre, um desastre. E um desastre tem mais chances de se lembrar de Cristo. Então, onde podemos ouvir isso? Então não tem coisa maior do que estar neste caminho, aonde o Senhor nos coloca: numa casa, fora da casa, numa família, dentro da bagunça, dentro da solidão, estar sozinho talvez num lugar onde parece que não acontece nada.

**Gleyson:** Só queria falar uma coisinha também, pensando um pouco no que nosso amigo falou antes. Quando ele falou da primeira música, do Philip Glass, ele falou que tinha “uma nota grave e fascinante se repetindo, que me dava a impressão de uma grande tristeza e alguns virtuosismos como tentativas de escapar dessa tristeza que engolia tudo”. Ao passo que na música de Chopin a percepção que existe é que aquela nota é um infinito que permeia tudo. Então qual a diferença dessas duas músicas, dessas duas posturas? A primeira é uma tentativa minha de marretar a realidade, de que as coisas aconteçam, que eu consiga superar os problemas. E aí o que vem é aquilo que a filha dele falou: escuridão e solidão. Ao passo de que, quando eu me dou conta dessa nota que permeia a minha vida, que está sempre em companhia, vem essa tristeza – essa tristeza boa, que ela falou – e me lembra do ponto que Dom Gius fala: “Existir significa ser continuamente desejado – desejado –, por isso ser amado, ser chamado do nada a cada momento. É a consistência do meu eu que Tu me queiras, ó Deus. Ama-se a própria identidade quando se ama Outro. Pode não ser olhado por ninguém, mas quem se dá conta disso é um homem livre”. Então é completamente diferente a postura de querer carregar o mundo nas costas – e aí o que vem é escuridão e solidão, e o desespero, e aí pode ser na casa, fora da casa, na casa com crianças, sem crianças – ou essa dificuldade boa, ou essa tristeza boa que vem, porque é permeada por essa nota que a gente sempre reconhece na nossa vida.

**Colocação:** O meu caminho na Escola de Comunidade via Zoom, com Olavo e Gleyson, desde o ano passado, tem sido uma ajuda muito grande para minha consciência de pertença a Cristo. Antes da peregrinação a Aparecida eu ainda não havia saído da minha cidade desde o início da pandemia, porém meu horizonte já era alargado por estar acompanhando a Escola de Comunidade toda semana, e na busca por aprofundar tudo que me é oferecido por essa companhia: textos na Revista Passos, no site de CL, encontros de amigos. Ficar grudada no carisma aumenta minha consciência e me muda. Não vejo mais as minhas redes sociais como motivo para somente passar o tempo. Aproveito delas para enviar textos a alguns amigos, repostar coisas de CL, da Revista e, é claro, fazer a Coleta de Alimentos. Vai ficando mais claro para mim o olhar que me é proposto diante dos amigos que não são do Movimento e que se aproximam, seja pela Coleta ou por outro motivo. Essas pessoas são provocação para minha vida, verificação da estrada que faço. Outro dia, um amigo que está nos ajudando na Coleta me contou sobre o Movimento de que ele participa, que é de casais; e me mandou uns dizeres a respeito do amor. Naquele momento eu tinha acabado de ler sobre o amor a si mesmo e ao outro, na fala de Dom Giussani, e resolvi mandar para ele. Ele leu, e dentro do trecho o que chamou atenção foi o seguinte: “quem se dá conta disso é um homem livre”. Vi como Dom Giussani nos pega pela mão e nos conduz ao caminho de sermos livres, e isso chamou a atenção daquele amigo. Eu não encontro as pessoas geralmente, tem muita gente que faz a Coleta ou Escola de Comunidade comigo, e eu nunca vi pessoalmente. Eu quase não saio, porém meu Zoom se tornou uma janela onde vejo o horizonte, a vida de CL que invadiu a minha vida dentro do espaço tecnológico e que é cada vez mais vida. Ajuda a construir a Escola de Comunidade, a ficar grudada nos amigos, a construir a Coleta; a confrontar o que leio nos textos com a vida. Enfim, me dá a possibilidade de me aproximar cada vez mais de Cristo e descobrir o que é a liberdade. Obrigada.

**Olavo:** É isso, amigos. O Bracco precisa partir, então a gente vai encerrar a Assembleia agora. Então, vamos aproveitar para agradecer a presença do Bracco que sempre acompanha a gente, está sempre cuidando da nossa comunidade. E eu quero fazer um agradecimento especial para a equipe de ordem, porque da mesma forma que não é óbvio que a gente esteja aqui hoje, também não é óbvio que isso aqui apareceu do nada. Esse encontro só foi possível porque alguém cuidou. Quero agradecer também a equipe da música, e ao padre Vando que cedeu o espaço gentilmente.

**Bracco:** Bom, quero só agradecer a todo mundo e também pedir que, tomando os cuidados, nos ajudemos a retomar também, a voltar a se encontrar, porque é fundamental para nós. Com todos os cuidados e onde possível.

*(notas não revisadas pelos autores)*